



MAINGUENEAU E A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DO SUJEITO NA CENA DISCURSIVA DA GUERRA¹

Marcio de Lima Pacheco, Plínio Pereira Filho

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de trazer discussões ao analisar a história e processo de produção e circulação de documento epistolar em um campo de concentração nazista. Que prática discursiva se mostra nas cartas a partir do cenário vividos pelo protagonista na zona de conflito? Para a nossa investigação lançamos mão dos pressupostos teóricos da Análise de discurso (AD) de Linha Francesa, sobretudo dentro dos postulados dos estudos do Interdiscurso e Cena Discursiva enveredados pelo teórico Dominique Maingueneau. Nossa metodologia está pautada no método qualitativo e buscou analisar a construção do *ethos* na pessoa do soldado nazista frente a zona de conflito as tropas inimigas.

PALAVRAS-CHAVE: Interdiscurso; Cena Discursiva; Nazismo; Carta

ABSTRACT: This article aims to bring about discussions by analyzing the history and process of production and circulation of an epistolary document in a Nazi concentration camp. What discursive practice is shown in the letters from the scenario experienced by the protagonist in the conflict zone? For our investigation, we made use of the theoretical assumptions of Discourse Analysis (DA) of the French Line, especially within the postulates of Interdiscourse and Discursive Scene studies undertaken by the theorist Dominique Maingueneau. Our methodology is based on the qualitative method and sought to analyze the construction of the *ethos* in the person of the Nazi soldier in front of the conflict zone and enemy troops.

¹ O presente estudo é resultado da análise de cartas em ambiente de guerra que fizeram parte do *corpus* da Tese de Doutorado defendida, em 2022, pelo pesquisador Dr. Plínio Pereira Filho (PPGL/UERN).

KEYWORDS: Interdiscourse; Discursive Scene; Nazism; Letter

Nas trilhas da história do Holocausto

“No início da manhã de 1 de junho de 1943, os nomes daqueles que partiriam para o leste no trem de carga à espera foi lido em voz alta no silêncio mortal do quartel. [...] Nós tentamos elevar o moral uns dos outros. Estamos indo para o leste, provavelmente para a Polônia. Talvez nos encontremos familiares lá e amigos que já partiram. Teremos que trabalhar muito e iremos sofrer grande privação. Os verões serão quentes e os invernos muito frios. Mas nossos espíritos São altas. Não permitiremos que nada nem ninguém enfraqueça nosso espírito. [...] Claro, nenhum de nós sabia exatamente o que era de nós. Tínhamos que tirar o melhor proveito disso. Nós faríamos o que pudéssemos para ficarmos juntos e sobreviver à guerra.

(JULES SCHELVIS, (b. 1921), sobrevivente do Holocausto², grifos nossos).

Dúvidas, incertezas e medo atravessam a memória de Jules Schelvis. A precisão da data e a descrição da desesperança de vida a partir da viagem à Polônia – campos de concentração – marcam as palavras dessa prisioneira. As lembranças de Jules trazem aquela manhã de julho de 1943. Inicialmente, a dúvida e a esperança se mesclavam na intenção de encontrar aqueles que foram separados ainda no início da guerra.

Holocausto ou *Shoah* (palavra hebraica que significa, literalmente, "destruição, ruína, catástrofe") é o termo utilizado para denominar o fenômeno de destruição sistemática - perseguição, exclusão sócio econômica, expropriação, trabalho forçado, tortura e extermínio de seis milhões de judeus da Alemanha e da Europa ocupada entre 1933 e 1945 pelo regime nacional-socialista, desempenhando o aprimoramento da técnica a favor do assassinato em massa um papel importante na dimensão e eficiência do extermínio. Pela sua significação, a palavra Holocausto é considerada inapropriada, mas ela adquiriu na historiografia e na literatura o sentido histórico expresso por *Shoah*. A historiografia também utiliza o termo "Auschwitz" para expressar o fenômeno do Holocausto, por

² Do original: “Early in the morning of 1 June 1943, the names of those who were to depart for the east in the waiting freight train were read aloud in the deadly silence of the barracks. [...] We tried to boost each other’s morale. We are heading for the east, probably Poland. Perhaps we will meet family members there and friends who have already left. We will have to work hard and will suffer great deprivation. The summers will be hot and the winters freezing cold. But our spirits are high. We will not allow anyone or anything to dampen our spirits. [...] Of course, none of us knew exactly what was ahead of us. We had to make the best of it. We would do what we could to stay together and to survive the war”. (SCHELVIS, 1921).

Auschwitz ter sido o maior campo de assassinato em escala industrial e das demais atrocidades do nazismo. Essas seis milhões de vítimas representavam 65% da população judaica europeia da época e 30% da população judaica no mundo. O Holocausto tornou-se o símbolo representativo da barbárie do século XX.

Esse termo fora descrito por Michael Marrus em sua obra *The Holocaust in History* da seguinte forma:

O termo Holocausto, amplamente usado apenas desde a década de 1960, pode ter refletido originalmente essas preocupações e serve agora para separar esse massacre em particular de outros casos históricos de genocídio: *Holokaustos*, somos lembrados, vem do século III a.C. Tradução grega do Antigo Testamento, significando "a oferta de sacrifício queimada dedicada exclusivamente a Deus". Como tal, a designação do massacre dos judeus europeus conotava um evento de significado teológico, e talvez também um evento cujos mistérios não deviam ser compreendidos. Além disso, o Holocausto pode ter indicado uma preferência em focar na narração da experiência das vítimas martirizadas, em vez dos vitimizadores. Holocausto, foi sugerido, é um termo inespecífico que implica para a maioria das pessoas um raio do céu, como um terremoto ou uma enchente, e não um ato criminoso deliberado. Não sugere perpetradores e, como a própria designação dos nazistas, Solução Final, pode facilmente levar ao abuso por apropriação indébita. (MARRUS, 1989, p. 3, tradução nossa).³

De acordo com as palavras de Marrus (1989), O Holocausto foi à perseguição sistemática e patrocinada pelo Estado e o assassinato de seis milhões de judeus pelo regime nazista e seus aliados e colaboradores. Os nazistas, que chegaram ao poder na Alemanha em janeiro de 1933, acreditavam que os alemães eram “racialmente superiores” e que os judeus, considerados “inferiores”, eram uma ameaça estrangeira à chamada comunidade racial alemã.

No contexto de separação entre o que o Führer considerava como superiores ou inferiores, os nazistas apontavam os judeus a raça inferior que representava a ameaça mais mortal para a pureza alemã. Logo após chegarem ao poder, os nazistas adotaram medidas para excluir os judeus da vida

³ Do original: “The term Holocaust, widely used only since the 1960s, may originally have reflected such preoccupations and serves now to separate this particular massacre from other historical instances of genocide: *Holokaustos*, we are reminded, comes from the third century B.c. Greek translation of the Old Testament, signifying ‘the burnt sacrificial offering dedicated exclusively to God.’ As such, the designation of the massacre of European Jewry connoted an event of theological significance, and perhaps as well an event whose mysteries were not meant to be understood. In addition, Holocaust may have indicated a preference to focus upon recounting the experience of the martyred victims, rather than the victimizers. Holocaust, it has been suggested, is a nonspecific term that implies to most people a bolt from the blue-like an earthquake or a flood-rather than a deliberate, criminal act. It does not suggest perpetrators, and like the Nazis' own designation, Final Solution, may easily lend itself to abuse by misappropriation.” (MARRUS, 1989, p. 3).

econômica, social e cultural alemã e pressioná-los a emigrar. A Segunda Guerra Mundial deu aos oficiais nazistas a oportunidade de buscar uma “solução final abrangente para a questão judaica”: o assassinato de todos os judeus na Europa. Esse processo de extermínio passou por algumas etapas ao longo da guerra.

O período compreendido entre 1939 e 1945 foi não só caracterizado pela mais sangrenta guerra entre o domínio de Hitler na Europa contra as tropas de resistência, mas foi também um período que a comunicação por meio de cartas ganhou muita notoriedade. Esses documentos circulavam através das mais diversas fontes e lugares, a exemplo das cartas trocadas entre combatentes suas famílias, prisioneiros e familiares que estavam fora dos campos de concentração ou mesmo entre autoridades. O fato é que estes documentos circularam em meio a conflitos, perseguições e confinamentos, revelando assim uma coletânea de memórias que ajudam a entender como viviam as pessoas em uma determinada época. É importante destacar o papel relevante das correspondências epistolares enquanto fontes primárias para a produção não só da História das Ciências, mas para a própria historiografia dos povos pós-guerra.

As correspondências epistolares são importantes fontes primárias para a produção da História das Ciências. Aqui, não nos referimos somente à importância destes documentos, mas também à pertinência da produção a partir de mecanismos de controle, do diálogo estabelecido com a organização, catalogação e disponibilização dos mesmos. A dificuldade encontrada por pesquisadores e estudiosos em achar acervos de correspondências devidamente catalogados muitas vezes prejudica uma pesquisa promissora. E no trabalho historiográfico, conforme assinala Marrou (1978, p. 55), só podemos alcançar o passado através dos traços inteligíveis para nós que este passado deixou. Ainda segundo Marrou, “A escrita da História faz-se com documentos”, e define:

Constitui um documento toda a *fonte de informação* de que o espírito do historiador souber tirar qualquer coisa para o conhecimento do passado humano, encarado sob o ângulo da pergunta que lhe foi proposta. É perfeitamente obvio que é impossível dizer onde começa e onde termina o documento; pouco a pouco a noção se alarga e acaba por abranger textos, monumentos, observações de todo gênero. (MARROU, 1978, p. 62, grifos nossos).

Em se tratando de fonte de informações pessoais escritas no âmbito de uma guerra, essas podem revelar seu caráter delicado no que tange à intimidade do enunciador com a qual o pesquisador vai se deparar. “Existem cartas ou documentos privados cujo autor mal disfarça o desejo, talvez inconsciente, de torná-las, o quanto antes, documentos públicos.” (PROCHASSON, 2003, p. 7). Entra aqui, nesse processo de interpretação, os postulados de Maingueneau sobre *ethos discursivo* e

corporalidade, a fim de compreender como se constrói uma imagem desse sujeito enunciador. As cartas da segunda Grande guerra tendem a revelar o universo interior de seus enunciadores.

A noção de *ethos* discursivo é apresentada por Maingueneau (2010, p. 79) como “coextensivo a toda a toda enunciação: o destinatário é necessariamente levado a construir uma representação do locutor; que este último tenta controlar, mais ou menos conscientemente e de maneira bastante variável”, o *ethos* representa a personificação do sujeito através do seu discurso, que para Maingueneau, não é levado em consideração apenas o discurso oral, como apresentado no *ethos* retórico, mas também o discurso não verbal. Em outras palavras, o autor nos apresenta uma definição que visa ir além do ato da fala como uma maneira de personificar o sujeito de um determinado discurso, pois ele acredita que o corpo, o ato da escrita, gestos/ a forma como o locutor se porta antes mesmo de abrir a boca já nos permite construir sua imagem. É esse *ethos* discursivo do sujeito judeu, isolado e sobre condições de produção diversa que nos deteremos em fazer análise.

Nesse sentido, e ainda sobre a categoria do *ethos*, Maingueneau (2006b) defende que a noção de *ethos* permite a articulação do corpo e do discurso, ou seja, a articulação da voz que se manifesta no discurso. O enunciador caracterizado é o enunciador que recebe o nome de fiador, aquele que está responsável pelo discurso dentro da cena de enunciação, este por meio do seu tom de voz, seja ele, no contexto escrito ou oral, afirmando o que está sendo dito no discurso. Assim sendo, “a qualidade do *ethos* remete a um fiador que, através desse *ethos*, proporciona a si mesmo uma identidade em correlação direta com o mundo que lhe cabe fazer surgir” (MAINGUENEAU, 2006b, p. 278), e por isso o fiador tem a responsabilidade de legitimar a si e seu discurso dentro da cenografia em que está.

Se por um lado temos um fiador e uma cenografia, por outro lado, percebe-se que o sujeito na AD é, em sua essência, histórico, conduzido pela ideologia, e interpelado por ela. Um sujeito assujeitado ideologicamente e guiado pelo inconsciente. O dizer não nasce no sujeito, nasce em determinado contexto. O sujeito é social, é histórico e cultural, pois

sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo, à concepção de um sujeito histórico articulase outra noção fundamental: a de um sujeito ideológico. Sua fala é um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social. Dessa forma, como ser projetado num espaço orientado socialmente, o sujeito situa seu discurso em relação aos discursos do outro (BRANDÃO, 2008, p. 59).

O sujeito é *histórico*, é influenciado por seu inconsciente e é, ainda, determinado a todas as condições de produção possíveis. Entendemos que o sujeito não tem domínio sobre o que diz, uma vez que o sujeito não ocupa uma posição de centro, o que nos leva a questionar “aquela concepção

do sujeito enquanto ser único, central, origem e fonte do sentido, formulado inicialmente por Benveniste, porque na sua fala outras vozes também falam” (BRANDÃO, 2008, p. 59). O sujeito na AD; não é dono do que diz, não é dono de seu discurso, é apenas o produtor dos dizeres possíveis.

Nesta perspectiva, é importante ressaltarmos a categoria sujeito dentro na Análise do Discurso. Segundo o próprio Maingueneau (2012), segundo o qual o sujeito do discurso é um sujeito composto de várias denominações. Ele é polífono, uma vez que é portador de várias vozes enunciativas. Ele é dividido, pois carrega consigo vários tipos de saberes, dos quais uns são conscientes, outros são não conscientes, outros ainda, inconscientes. Enfim, ele se desdobra na medida em que é levado a desempenhar alternativamente dois papéis de bases diferentes: papel de sujeito que produz um ato de linguagem e o coloca em cena, imaginando como poderia ser a reação de seu interlocutor, e papel do sujeito que recebe e deve interpretar um ato de linguagem em função do que ele pensa a respeito do sujeito que produziu esse ato. Cada um desses papéis conduz o sujeito do discurso a se lançar em operações diferentes. No primeiro caso, ele exerce o papel de codificador; no segundo, o papel de decodificador, sendo ambos produtos de inferências que não são exatamente idênticas (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 458).

Entendemos o que Charaudeau e Maingueneau (2008) nomeiam de posições que o sujeito assume na produção de seus discursos como “desempenhar alternativamente dois papéis”: Primeiramente, o sujeito, ao produzir um ato de linguagem, entra em um processo de suposição dos efeitos de sentidos que serão produzidos por aqueles que receberão seu discurso, os outros. Isto é, entram em processo de suposição se seus efeitos de sentidos pretendidos foram os produzidos, pelo sim ou pelo não, seguem em seu processo de ressignificação dos efeitos de sentidos que possam ter sido produzidos. Em segunda instância, o sujeito aciona seus conhecimentos e suas ideologias e parte à atribuição de sentidos para o que é dito.

Corroborando com as supracitadas ideias de Maingueneau, Orlandi (2007: 42), enfatiza que “o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam”.

ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

"Terror can rule absolutely only over men who are isolated against each other... Therefore, one of the primary concerns of all tyrannical government is to bring this isolation about. Isolation may be the beginning of terror; it certainly is its most fertile

ground; it always is its result. This isolation is, as it were, pretotalitarian; its hallmark is impotence insofar as power always comes from men acting together...; isolated men are powerless by definition. "

Hannah Arendt in The Origins of Totalitarianism

Nas palavras de Hannah Arendt, o isolamento constitui um fator fortíssimo na diminuição do poder de socialização entre os homens, levando-os ao que ela chama por enfraquecimento que, por consequência, os deixará mais vulneráveis. O primeiro passo era privá-los de todos e quaisquer direitos, segregando-os de seus lares e jogando-os nos guetos onde, mais tarde, seriam exterminados. Sobre esse pensamento, Hanna discursiviza na sua obra:

Os próprios nazistas começaram a sua exterminação dos judeus privando-os, primeiro, de toda condição legal (isto é, da condição de cidadãos de segunda classe) e separando-os do mundo para ajuntá-los em guetos e campos de concentração; e, antes de acionarem as câmaras de gás, haviam apalpado cuidadosamente o terreno e verificado, para sua satisfação, que nenhum país reclamava aquela gente. O importante é que se criou uma condição de completa privação de direitos antes que o direito à vida fosse ameaçado. O mesmo se aplica, com certa ironia, em relação ao direito de liberdade, que é, às vezes, tido como a própria essência dos direitos humanos. (ARENDR, 2012, p. 329)

Uma liberdade tão rara quanto inexistente para os judeus na época da Segunda Grande Guerra. A partir de nossa intervenção, pensamos em dois aspectos a serem analisados a partir da carta, na Lituânia: o interdiscurso e a cena discursiva onde ocorre a produção epistolar do soldado frente as tropas rivais.

Com relação à Análise do Discurso, tendo por base metodológica as ideias do pensador francês contemporâneo Dominique Maingueneau – sem adentrar nas polêmicas que envolvem as bases teóricas, as fases e os problemas internos da Análise do Discurso – vê-se que a análise discursiva tem, como um dos seus pontos de problematização, encontrar marcas do interdiscurso como eixo norteador dos estudos de Maingueneau.

INTERDISCURSO E CENA DISCURSIVA: ALGUNS ASPECTOS BASILARES

O interdiscurso é conceituado por Maingueneau (2008a, p. 33) como um conjunto de discursos que mantém uma relação discursiva entre si, tripartida em: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. O Universo discursivo é o conjunto heterogêneo de formações discursivas que interagem numa conjuntura. Embora finito, é irrepresentável e não pode ser apreendido em sua globalidade. Já o Campo discursivo é o conjunto de formações discursivas em concorrência que se delimitam numa região do universo discursivo. O discurso se constitui no interior de um campo discursivo, que foi etiquetado pela tradição como campo discursivo religioso, político, literário, etc. Por fim, o Espaço discursivo é o subconjunto do campo discursivo, que liga no mínimo duas formações discursivas que se relacionam e são importantes para o entendimento dos discursos em questão. Como analistas, colocamos em relação esses subconjuntos de formações discursivas da maneira que julgamos relevante. O conceito de interdiscurso é o que nos possibilita relacionar a memória coletiva à análise das canções, já que ele permite que os dizeres que já foram ditos tenham sentido em nossas palavras.

Maingueneau, enfatiza que, em sua percepção, o interdiscurso é o “princípio central da análise do discurso” (MAINGUENEAU, op., cit, p. 5). Isso acontece porque, na obra de Maingueneau, o discurso é entendido como uma interação entre discursos, o que implica um tipo de análise em que a identidade discursiva é definida a partir da interdiscursividade, isto é, da relação do discurso com o seu outro.

Nesse sentido, Maingueneau afirma que o interdiscurso não se encontra em uma estrutura linguística absolutamente fechada, sem possibilidade de mudanças e flexibilizações (uma equação matemática, uma interpretação fundamentalista e radical de um texto sagrado e religioso, etc). Pelo contrário, em sua percepção, o interdiscurso se encontra e se manifesta em discursos que carreguem uma possibilidade de mudança, de flexibilização e de inovação. Essa possibilidade de mudança, de transformação só é possível porque o discurso está em contato, em diálogo com outros discursos. Em suas palavras:

[...] a identidade de um discurso se constrói e se alimenta através de outros discursos; falar é sempre falar com, contra ou por meio de outros discursos, outras vozes. Portanto, a relação de um texto consigo mesmo e sua relação com outros, ou seja, do “intradiscurso”, com o “interdiscurso”, não podem ser dissociadas. Muitos fenômenos textuais podem ser interpretados à luz do primado do interdiscurso: a pressuposição, a negação, as citações, o modo e o tempo, a ironia, a paródia, etc. (MAINGUENEAU, op., cit, p. 5)

Para Maingueneau (2006a, p. 250) a cena enunciativa ou como ele mesmo a denomina de Cenas da enunciação é caracterizada como “o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada”. O discurso, na concepção da AD francesa, se é apenas um conjunto de enunciados que fazem parte de uma sociedade ou manifestado por alguma instituição, mas os lugares onde são possíveis a criação das instancias que

atravessam o próprio discurso. O pensador francês apresenta um profundo conhecimento sobre as cenas que são e poderão ser identificadas na AD, a saber: cena englobante, cena genérica e cenografia (dependendo do ponto de vista que se assume).

A cena englobante corresponde ao tipo de discurso. Está relacionada ao tempo e ao espaço, pois surge da necessidade da sociedade. Ela nos situa para interpretarmos o discurso, mostrando-nos em nome de que ele interpreta o coenunciador e tendo em vista a finalidade de sua organização. São exemplos de tipo de discurso o filosófico, o poético, o político, o publicitário etc.

Por outro lado, a cena genérica corresponde ao gênero do discurso, que define seus próprios papéis; está ligada a uma instituição discursiva, é o contrato associado a um gênero de discurso. O domínio dos gêneros ou a competência genérica é fundamental para a competência discursiva. Portanto, a primeira e a segunda cenas supracitadas definem o quadro cênico do texto, o espaço estável no qual o enunciado tem sentido. São elas que permitem o conhecimento do tipo e do gênero discursivo. Além disso, na enunciação, ambas se fazem essencialmente presentes.

Quanto a cenografia, é aquela com a qual o coenunciador se confronta, corresponde ao contexto que a obra implica. Não se trata de um cenário ou de um quadro já construído e independente no interior de um espaço. Ao contrário, à medida que a enunciação se desenvolve, o seu dispositivo de fala vai sendo constituído. Trata-se, assim, da cena de fala que o discurso pressupõe para que possa ser enunciado. Esta cena se apoia na memória coletiva a fim de legitimar um enunciado e ao mesmo tempo ser legitimada por ele. Ela só se manifesta plenamente se mantiver certa distância em relação ao coenunciador, para que ela mesma controle seu desenvolvimento. Desse modo, a escolha da cenografia não se dá sem propósitos, uma vez que o discurso se desenvolve a partir dela, no intuito de conquistar a adesão com a instituição da cena enunciativa que o torna legítimo.

Dentre as três cenas acima supracitadas, a cenografia de destaca como a cena de enunciação mais plausível aos investimentos na criação do discurso. Apresenta-se como uma dimensão criativa do discurso, na qual engendra-se o simulacro de um momento, de um espaço e de papéis sociais conhecidos e compartilhados culturalmente.

Em nossa análise, a cena englobante corresponde ao discurso na realidade do soldado na frente de guerra, a cena genérica corresponde ao gênero carta e a terceira cena, a cenografia, corresponde ao cenário de medo, das doenças e as recordações da família, dos costumes.

Para Pêcheux, as condições se referem à posição do sujeito e possibilitam que um discurso seja pronunciado ou não. O lugar ocupado por este sujeito que anuncia interfere no sentido do seu discurso, uma vez que o sujeito está situado no interior de uma relação de forças que “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas” (PÊCHEUX, 1987, p. 77).

Ao falar, o sujeito utiliza-se de determinados termos para construir seu dizer; entretanto, poderia dizê-lo de outra forma, com outras palavras. Daí a razão de incluirmos na análise o conceito de silêncio, posto que, quando uma formulação é materializada, outra é apagada, ou silenciada. Estas considerações fazem-nos pensar na questão do silêncio político, tal como é tratada por Orlandi (2007, p. 81). Para a autora, o silêncio político (ou política do silêncio) pode apresentar-se sob a forma de silêncio constitutivo ou sob a forma de silêncio local (censura). No silêncio constitutivo, o sujeito diz X para não dizer Y, isto é, ao produzir determinado enunciado o sujeito silencia outros sentidos possíveis, mas não desejados naquele momento. Já a censura caracteriza-se pela proibição da inserção do sujeito em determinadas formações discursivas, o que afeta sua identidade. Sobre isso, Orlandi nos diz que:

Ela é a interdição manifesta da circulação do sujeito, pela decisão de um poder de palavra fortemente regulado. No autoritarismo, não há reversibilidade possível no discurso, isto é, o sujeito não pode ocupar diferentes posições: ele só pode ocupar o “lugar” que lhe é destinado, para produzir os sentidos que não lhe são proibidos. A censura afeta, de imediato, a identidade do sujeito. (2007, p. 81)

Para Orlandi (2007), essa forma do não-dito é uma vertente cuja origem está no fato da linguagem ser política e que todo poder se acompanha de um silêncio, em seu trabalho simbólico – uma política do silêncio que, para a autora, dá-se de duas maneiras:

O silêncio constitutivo, ou seja, a parte do sentido que necessariamente se sacrifica, se apaga, ao se dizer. Toda fala silencia necessariamente. A atividade de nomear é bem ilustrativa: toda denominação circunscreve o sentido do nomeado, rejeitando para o não-sentido tudo o que nele não está dito;

O silêncio local: do tipo de censura e similares, este silêncio é que é produzido ao se proibir alguns sentidos de circularem, por exemplo, em uma forma de regime político, num grupo social determinado de uma forma de sociedade específica etc (ORLANDI, 2007, p. 49-50).

Segundo a autora, o silêncio não é visto apenas em sua negatividade, ele significa, o seu não-dizer contém sentido, é fundador, portanto sustenta o princípio de que a linguagem é política. O silêncio que pretendemos abordar em nossas análises é aquele que permeia as produções escritas dos campos de concentração. Ainda para Orlandi (2007, p. 76-77), como o discurso, sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, ao se proceder desse modo se proíbe ao sujeito ocupar certos “lugares”, ou melhor, proíbe-se certas “posições” do sujeito. [...] A censura estabelece um jogo de relações de força pelo qual se configura, de forma localizada, o que, do dizível, não deve (não pode) ser dito quando o sujeito fala. Aqui pretendemos mostrar o dizível por meio da carta de um soldado nazista. Sabemos que os mecanismos de controle do discurso no âmbito da guerra produziram silenciamentos.

Percebemos aqui que a relação com o “dizível” é, pois, modificada quando a censura intervém: não se trata mais do dizível sócio-historicamente definidos pelas formações discursivas (o dizer possível): não se pode dizer o foi proibido (o dizer devido). Ou seja: não se pode dizer o que se pode dizer.

Portanto, é nesta perspectiva que, através da história da Segunda Guerra, das ‘memórias’ dos campos, da interdição e censura da palavra do sujeito paciente, da ideologia dominante da época, buscaremos as materialidades interpretativas necessárias para compreendermos que para entrar em determinadas ordens do discurso, o sujeito necessita estar inserido em um considerável número de regras.

Com base nesta definição, veremos agora na análise de como discursos foram produzidos por um soldado nazista frente o porvir das consequências do fim da guerra.

CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DO SUJEITO SOLDADO NA LINHA DE FRENTE DA GUERRA

Quadro 1– Configuração formal do gênero carta – Carta de um Soldado nazista na Letônia, ex-colônia da Rússia (19/8/44)

Letônia, 19/8/44	<i>Localização e Data</i>
Minha querida e melhor Hilde, mãezinha, mãe e filhos!	<i>Saudação inicial/Vocativo</i>
<i>Quero escrever rapidamente algumas linhas, pois o Major Gideon,</i>	

que esteve com o Führer, viajará hoje outra vez à Alemanha e levará correspondências, que eventualmente chegarão um pouco antes, pois eu não sei até agora quanto tempo leva uma carta enviada daqui para chegar até em casa. Primeiramente: sobre as tuas cartas de 21/07 etc. Então, antes de tudo, minha querida mãe, espero que tu estejas um pouco melhor e que devagar vás conseguindo te recuperar bem. Não fica enchendo a cabeça de preocupações, não adianta, temos que aguardar o que vai acontecer nas próximas semanas. De todo modo, a situação parece séria por todos os lados, nem precisamos nos iludir. Só temos que desejar e esperar o melhor. Por favor, me avisa quando tiveres recebido a carta de --- datada de ---. Não estou muito convencido dessas gotinhas para o coração que tu estás tomando; vê se arruma uma maneira de te tranquilizar de maneira natural.

A questão do Holzbergger também não é lá tão simples como ele fala que eventualmente teria sido; de todo modo, ninguém teria sido liberado e, certamente, nós já estaríamos separados de novo há muito tempo. E nós sempre tivemos a intenção de fazer a coisa certa. Eu só teria sido liberado se já estivesse empregado por ele. Agora há combates acirrados não apenas no Leste, mas também no Oeste. Estou curioso, quando chegarem hoje as correspondências, se receberei algo, se terei notícias de Hans e Martin. Eu só enxergaria uma possibilidade através de Preen, se tu explicares a ele a situação com toda clareza.

Quanto a Herfuth, já te escrevi dizendo que eu faria alguma coisa, não precisam ser 12 peças de uma vez, também podem ser 8. Espero que o caso do Görge também já tenha sido resolvido.

Sobre a tua carta de 3/8/44. A visita de Marie certamente levou um sopro de vida à casa, bem que Martin e eu teríamos gostado de estar junto com vocês aí, mas o mais importante é que um dia nós possamos estar todos juntos de novo. Hilde, temos que parar de ficar pensando demais, senão vamos todos nos afundar. O pai não teria conseguido mais suportar tudo isso que teria que enfrentar

Corpo da mensagem

agora, teria sido demais para ele. Espero que os teus pais continuem fortes e firmes, o que não é muito fácil agora, eu acho que o teu avô provavelmente está bem mais aflito agora. Nós temos todos a mesma natureza, nós pensamos e trabalhamos demais com a cabeça.

*Tu me dizes que as árvores e arbustos estão carregadas de groselhas, de ameixas e de cerejas azedas. Assim já respondes às minhas perguntas da última carta e me sinto um pouco em casa. Cuida para que quando uma árvore ou um arbusto morrerem, de logo o substituíres por outro igual, dessa forma não precisa se fazer muita coisa, é mais fácil e, além disso, se mantém a ordem, o que é prazeroso. Eu gosto muito de comer as cerejas azedas do Ernst Wünsche, antigamente já tinha as mesmas na casa da Erna Christoph, onde nós íamos bastante para apanhar as frutas da árvore. Não me agrada nada que tu não tenhas mais nenhum interesse pelo jardim. O bom nisso é que é uma forma de ficar ao ar livre. Não é para só ficar sentada dentro de casa. Eu imagino que tu dás de comer aos teus bichos. Tu tens que te ocupar no jardim, Hilde, e a mãe também, façam-me esse favor. Se vocês ficarem descoradas, isso não é favor para ninguém. **E vejam também que as crianças não desaprendam a rir, nas últimas fotografias elas não estavam com uma cara muito amistosa.** No ano passado, naquele passeio com a Frau Ahrend, era completamente diferente, ali o Ludwig está rindo numa fotografia em que aparecem todos na horizontal, muito bonito. Diversão também é importante. **A Christine e o Jürgen também parecem muito sérios.** Então os meus pacotes todos chegaram, sendo que eu nem contava com isso por causa da conexão marítima. Espero que tu tenhas também as fotografias da Frau Ahrend, elas são uma linda recordação para as crianças, saíram todas muito boas as que eu tenho aqui. Olhando as fotografias de vocês, a gente fica orgulhoso de ter uma família dessas. Eu tive hoje a oportunidade de mostrá-las ao Major Gideon, que ficou encantado. Mas não podes contar com o retorno ao Reich, minha querida Hilde, primeiro há que acontecer muitas*

coisas. Nós não estamos sozinhos aqui, não é tão fácil, e depois também é de se supor que a região oriental também deva ser mantida até eventualmente chegarem mais armas para dar um certo alívio outra vez. Mas até agora essas armas ainda não chegaram.

Como eu estou me sentindo, minha querida Hilde? Isso eu não sei te dizer. Tem dias ou horas em que estou muito bem, fora a preocupação com vocês se tudo por aqui não correr conforme o desejado. No momento, ainda não é um fardo muito pesado e espero ter ainda um pouco de sorte de soldado, pois todo mundo acha que esta guerra não pode mais durar muito tempo, que tem que se chegar a uma decisão. Hilde, para ti, assim como para mim, essa trabalhadeira e essa tensão todas era melhor que não existissem. Mas nós tivemos que arregaçar as mangas desde muito cedo, para nós a guerra foi desde o princípio total. A mesma coisa no caso da mãe, que nos últimos anos sempre participou de tudo com tanto empenho, dava gosto de ver como em casa estava sempre tudo absolutamente em ordem. Agora, com a guerra, tudo acabou virando um campo de tensões extremas. Pelo visto ainda não mandaste instalar o aparelho, somente a campainha. Mas nem precisas contar com uma ligação minha nos próximos tempos, para isso os russos teriam que ser empurrados de volta para seu lugar. Ainda não há nada de informações sobre o que estão planejando para nós aqui, se vamos ainda permanecer um pouco por aqui, ou se logo vamos embora daqui. E eu preciso te preparar para algo em parte desagradável. Muito provavelmente, um dia vais receber as minhas coisas em casa. O saco de dormir, a mala e outras coisas que são apenas carga, e também o uniforme azul e o resto todo que puder ser descartado. Como não sabemos tudo o que vem pela frente, não temos como vagar por aí sempre carregando saco de dormir e mala pesados. O operador de rádio disse hoje que lá para onde eu pensava em ir primeiro, eles receberam todos o [uniforme] cinza e todo o resto foi mandado para as casas. Supondo que tenhamos que partir de maneira rápida e desavisada,

seria uma pena as coisas que sempre acabam perdidas. Isso nós não podemos mais arriscar. Primeiro eu levei um susto, mas depois é compreensível que a gente aqui não possa andar de azul. A infantaria também só tem um uniforme. Então, não precisa ficar com medo. Mas também não precisas dar nenhuma explicação às pessoas quando chegarem [as coisas]. E agora ainda nem é o caso.

Agora com relação às tuas cartas de 5/8. Hilde 3x Rudi e Martin Kahlert não chegaram tão rapidamente.

Acho nosso pequeno provavelmente não se recorda de mim. Que bom seria se eles me conhecessem bem e pudessem se lembrar de algo do papai. Me escreva dizendo quem são todas as pessoas que não estão recebendo cartas. Pode ser que vários tenham sido presos. As crianças também precisam de ar fresco, se encontrar com outras pessoas e de contato com a natureza. Ontem o motorista e eu andamos com os nossos hospedeiros um pouco na floresta e um pouco na vila. Não fizeram grandes arranjos para a vila, mas a sua localização é tão natural que não é necessário mesmo fazer muita coisa. Depois fomos colher umas frutas silvestres e hoje tiramos três fotografias no jardim. Vamos ver se ficaram boas. Há pouco, nossa hospedeira me trouxe alguns pepinos verdes, que eu vou comer junto com fatias de pão com manteiga.

Fonte: Arquivo particular do pesquisador.

Excerto 1 – O sujeito enunciador se mostra esperançoso em relação à rapidez que a correspondência levará notícias

(SD01) “Quero escrever rapidamente algumas linhas, pois o Major Gideon, que esteve com o Führer, viajará hoje outra vez à Alemanha e levará correspondências”.

(SD02) E nós sempre tivemos a intenção de fazer a coisa certa. (...) Agora há combates acirrados não apenas no Leste, mas também no Oeste. Estou curioso, quando chegarem hoje as correspondências, se receberei algo, se terei notícias de Hans e Martin.

Fonte: Arquivo particular do pesquisador.

A partir da SD01, revela-se a imagem de como o soldado se mostra esperançoso quanto à troca de correspondência com a família. Primeiro, porque não se trata de qualquer envio. Esse tem um sentimento mais especial, pois o Major Gideon não esteve com qualquer general, mas com o *Führer* Adolf Hitler. Nessa conjuntura, a carta chegará mais depressa ao seu destino, justificada na passagem: *que eventualmente chegarão um pouco antes, pois eu não sei até agora quanto tempo leva uma carta enviada daqui para chegar até em casa.*

Identificam-se na passagem supracitada dois elementos extremamente importantes: o cenário da cena discursiva e como a troca de correspondência muda de contexto a partir das condições de produção vividas por cada enunciador: opressor/oprimido. Os mecanismos de controle do discurso nos campos de concentração nazistas determinavam o que podia ser ou não dito, o que poderia ou não ser recebido, ou seja, o oprimido (prisioneiro) não gozava de liberdade de expressão.

A cenografia apresentada na SD 02 é constituída pelo soldado Walter que expressa toda sua ansiedade quanto a expectativa de notícias. Assim, ao enunciar “***E nós sempre tivemos a intenção de fazer a coisa certa***” (SD02), chama a atenção para o mundo a sua volta, o ideário de que é uma guerra necessária, de que as leis do *Führer* precisam ser realizadas, há um inimigo a ser enfrentado. Dessa maneira, o discurso que compõe a SD 02 é apresentado, não tem a intenção de construir a imagem de um soldado patriota, mas de mostrar o homem em um cenário de caos, se depara com as consequências que as mudanças da guerra provocam.

É nesse discurso que o enunciador deve tomar partido, uma vez que a cena englobante desse enunciado necessita que “nos situemos para interpretá-lo” (MAINGUENEAU, 2000, p. 86), uma vez que a cenografia apresentada, explora o mundo através da visão do homem. Aqui, encenada pela guerra. Para que possamos entender o que está acontecendo a nossa volta, é na cenografia “que é tanto condição como produto da obra, que ao mesmo tempo está ‘na obra’ e a constitui, que são validadas os estatutos do enunciador e do coenunciador.” (MAINGUENEAU, 2006b, p. 252).

Ainda na SD02, percebemos a imagem preocupada do soldado, uma vez que está esperançoso que seus parentes Hans e Martin estejam bem. Em meio à guerra, até para o soldado, que teria mais liberdade em elencar suas palavras, a cena de tensão e medo revelam a imagem de preocupação. É essa imagem que se configura no exemplo a seguir.

Excerto 2 – O enunciador se mostra preocupado e esperançoso

(SD03) Não fica enchendo a cabeça de preocupações, não adianta, temos que aguardar o que vai acontecer nas próximas semanas. De todo modo, a situação parece séria por todos os lados, nem precisamos nos iludir. Só temos que desejar e esperar o melhor.

*(...) temos que parar de ficar pensando demais, senão vamos todos nos afundar. O pai não teria conseguido mais suportar tudo isso que teria que enfrentar agora, teria sido demais para ele. Espero que os teus pais **continuem fortes e firmes**, o que não é muito fácil agora, eu acho que o teu avô provavelmente está bem mais aflito agora.*

Fonte: Arquivo particular do pesquisador.

Na SD 03, emerge a imagem do *ethos de responsabilidade* de alguém que se preocupa com o bem-estar dos que ficaram na Alemanha. A guerra traz consigo uma série de dúvidas e, junto a elas, a incerteza de quais consequências o povo terá que encarar. Observa-se que o enunciador tem a convicção de que a guerra trará consequências negativas, caso todos pensem, conjuntamente, no mesmo fracasso. A imagem que se apresenta em “**continuem fortes e firmes**” mostra como ele encoraja a família. É perceptível que ele os encoraje, já que ele se encontra na linha de frente com o inimigo russo.

Excerto 3 – O locutor relembra pontos memoráveis do lar

(SD04) Não me agrada nada que tu não tenhas mais nenhum interesse pelo jardim. O bom nisso é que é uma forma de ficar ao ar livre. Não é para só ficar sentada dentro de casa. Eu imagino que tu dás de comer aos teus bichos. Tu tens que te ocupar no jardim, (...)

E vejam também que as crianças não desaprendam a rir, nas últimas fotografias elas não estavam com uma cara muito amistosa. A Christine e o Jürgen também parecem muito sérios.

Fonte: Arquivo particular do pesquisador.

Relembrar parentes, amigos, ruas, praças ou jardins é uma atividade humana que traz consigo um pouco da marca pessoal e um pouco do que se carrega dos outros. Segundo essa lógica, de acordo com Halbwachs (2006, p. 157), “nossa casa, nossos móveis e a maneira como são arrumados, todo o arranjo das peças em que vivemos, nós lembramos nossa família e os amigos que vemos com frequência nesse contexto”. O jardim é citado pelo historiador como espaço com enorme representação espacial da memória. “[...] Nos terraços dos jardins, as crianças no canto da praça em que brincam [...]” (Ibid., p. 160). São espaços onde o ar puro e a natureza se unem trazendo harmonia. A imagem criada pelo soldado através da SD 04 revela como esses espaços, que até então são partes de rede de memórias, deixaram de ser espaços de paz. Essa imagem do medo é percebida pela constante solicitação de que aproveitasse o jardim como ambiente de ar puro, onde as crianças poderiam brincar. A guerra tem transformado esses espaços de memória num pesadelo, uma vez que as próprias crianças reproduzem nas suas faces a dura realidade que estão vivenciando. Nas

palavras de Halbwachs (2006, p. 160), o soldado percebe que “cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo [...]”. A imagem reproduzida na memória do soldado só reforça que as formas dos espaços e objetos que nos rodeiam têm um significado.

Excerto 4 – O soldado revela suas preocupações e medos

(SD05) Nós não estamos sozinhos aqui, não é tão fácil, e depois também é de se supor que a região oriental também deva ser mantida até eventualmente chegarem mais armas para dar um certo alívio outra vez. Mas até agora essas armas ainda não chegaram. Como eu estou me sentindo, minha querida Hilde? Isso eu não sei te dizer.

(SD06) No momento, ainda não é um fardo muito pesado e espero ter ainda um pouco de sorte de soldado, pois todo mundo acha que esta guerra não pode mais durar muito tempo, que tem que se chegar a uma decisão. Hilde, para ti, assim como para mim, essa trabalhadeira e essa tensão todas era melhor que não existissem.

(SD07) ...casa estava sempre tudo absolutamente em ordem. Agora, com a guerra, tudo acabou virando um campo de tensões extremas.

Fonte: Arquivo particular do pesquisador.

A imagem que se apresenta na SD05 é de um soldado muito preocupado com as consequências de ficar desamparado de armamento. Estar na linha de frente do inimigo e sem munição reflete a imagem do soldado. O soldado ao discursivizar “*Mas até agora essas armas ainda não chegaram*”, assume o lugar de homem disposto a lutar, mesmo que preocupado com a falta de munição, contra as tropas russas. A cenografia constituída na narrativa corrobora com o tom de suspense na linha de frente.

Se o discurso é uma forma de ação, o soldado não pretende expor somente sua realidade frente a cenografia, mas que sua voz também tenha representatividade diante dos horrores da guerra. A cenografia não só é constituída exclusivamente no ato da enunciação, mas na própria cena criada pelo enunciador com a finalidade de legitimar o seu dizer, o seu discurso. O autor-fiador em *até eventualmente chegarem mais armas para dar um certo alívio outra vez* legitima sua ação discursiva por meio da cenografia. Tal cenografia emerge das memórias do corpo-a-corpo com o inimigo: do combate aéreo, das trincheiras, das explosões. Possivelmente, os problemas de saúde (dores de cabeça, falta de concentração, apontados pelo soldado. Sendo o sujeito marcado pela historicidade, esse busca efetivar seu discurso de “herói” por meio das dificuldades pela qual

enfrenta no Leste europeu. O tempo e o espaço são importantes dentro do contexto das condições de produção.

Essa imagem tenebrosa do porvir aparece na SD06 com mais clareza. Nela, o soldado afirma que as coisas poderiam ter um outro panorama se a guerra não existisse. A guerra reflete que, para ambos – estando ou não na linha de frente contra o inimigo – as tensões e os medos serão indissociáveis. Esse ambiente hostil é ressaltado na terceira SD07, pois o soldado afirma como a casa – ambiente de organização e paz – se transformou no ambiente de tensões.

Dessa forma, ressalta-se a importância de destacar ainda, como complemento do quadro da enunciação, o enunciado ao afirmar que: “***Agora, com a guerra, tudo acabou virando um campo de tensões extremas***”, por meio desse discurso, emerge por meio do silenciamento que em ambos ambientes, o regime é de medo e tensão. Essa SD corrobora intediscursivamente com as memória de guerra em “o combate abria um abismo em quem experimentava seus horrores e aqueles que ficavam em casa” (HASTINGS, 2012, p. 349).

Excerto 5 – O enunciador ressalta a simbologia dos uniformes

(SD08) Ainda não há nada de informações sobre o que estão planejando para nós aqui, se vamos ainda permanecer um pouco por aqui, ou se logo vamos embora daqui. E eu preciso te preparar para algo em parte desagradável. Muito provavelmente, um dia vais receber as minhas coisas em casa. O saco de dormir, a mala e outras coisas que são apenas carga, e também o uniforme azul e o resto todo que puder ser descartado. Como não sabemos tudo o que vem pela frente, não temos como vagar por aí sempre carregando saco de dormir e mala pesadas.

(SD09) é compreensível que a gente aqui não possa andar de azul.

Fonte: Arquivo do pesquisador.

Na SD08, o enunciador antecipa a família o porvir em consequência da guerra. Dessa forma, o coenunciador incorpora esse acontecimento discursivo através das marcas do ethos de convencimento construída pelo enunciador. Ao enunciar “***uniforme azul e o resto todo que puder ser descartado***”, o discurso se constitui através de outras vozes no que tange enfrentamento ao inimigo. A relação interdiscursiva entre a prática estratégica de sobrevivência no descartar dos uniformes (dos soldados) pode ser identificado também numas das cartas de Hans Kammler, Rottenführer do KL de Auschwitz. Nessa carta, datada 17 de janeiro de 1945 – sua última carta de Auschwitz endereçada a sua mãe – o Cabo afirma: *Acabaram de nos dizer que largaremos nossos*

*uniformes!!*⁴. Como afirma Maingueneau (2007), o interdiscurso não se encontra em uma estrutura linguística absolutamente fechada, sem possibilidade de mudanças e flexibilizações. Pelo contrário, em sua percepção, o interdiscurso se encontra e se manifesta em discursos que carreguem uma possibilidade de mudança, de flexibilização e de inovação. Essa possibilidade de mudança, de transformação, só é possível porque o discurso está em contato, em diálogo com outros discursos, presentes aqui na singularidade das cartas dos soldados. Na mesma SD09, foi destacado – por meio do tom de suspense (*não possa andar de azul*) – a preocupação com a cor do uniforme. Essa relação semiótica é atravessada pela posição dos sujeitos soldados na cenografia. Assim, o azul, o verde acinzentado ou negro, eram as cores usadas pelos nazistas, sejam eles: oficiais, soldados e, até mesmo o Führer; já o exército russo, usavam uniformes com detalhes em vermelho, cor representativa do socialismo. Livrar-se dos uniformes seria uma estratégia não só de uma tentativa de sobrevivência, caso fosse capturado ou rendido pelas tropas inimigas, mas também uma forma de se desvincular da posição sujeito-soldado.

Excerto 6 – Os coenunciadores em questão ou mecanismos de controle

(SD10) Me escreva dizendo quem são todas as pessoas que não estão recebendo cartas. Pode ser que vários tenham sido presos.

Fonte: Arquivo do pesquisador.

Na SD10, percebemos o tom de angústia do soldado ao questionar sobre a possível troca de correspondência entre soldados e família. Há aqui, uma relação interdiscursiva que dialoga com as cartas do prisioneiro de Auschwitz. As condições de produção dos enunciadores são semelhantes, embora os prisioneiros tivessem menos privacidade por conta dos mecanismos de controle discursivo. Abordamos na carta do prisioneiro 6552 uma possibilidade de interdição: dar-se-ia pelo conteúdo do enunciadador em infringir as normas estabelecidas pelo controle do KL. No caso da SD supracitada, o soldado apresenta uma possível justificativa para o não recebimento de correspondências por parte dos familiares dos soldados.

De acordo com a mesma SD, percebemos que o discurso não é único, pois divide o espaço de sua fala com outros, na medida que orienta, planeja. A preocupação do soldado corrobora o discurso de outros soldados, pois divide o espaço de sua fala com outros, no mesmo contexto de expectativa pela chegada de correspondências. A correspondência é atividade enunciativa, porque dialoga com a fala de outros sujeitos (nível interdiscursivo).

⁴ Do original: “Sie haben nur gesagt dass wir unsere Uniformen ablegen sollen!! Carta de Hans Kammler, KL Auschwitz, Polônia (17/01/1945).” (Arquivo particular do pesquisador).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O que faz com que evoquemos o passado? Lidar com o resgate da história passa, inevitavelmente, pela construção desse questionamento, por vezes, de difícil elucidação. Compreendermos quem somos ou que postura tomamos a partir dos rastros trazidos por nossa ancestralidade.

Há uma preocupação em não esquecer se deve, não somente ao resgate da memória em si, mas, à preservação da própria humanidade, no sentido de que não se pode permitir a existência de padrões de intolerância, que culminem em novos genocídios. É preciso aprender com o passado e não apenas resgatá-lo por si só. É necessário que esta memória seja mantida viva para que a lição dos crimes contra a humanidade e do desrespeito ao outro seja realmente apreendida, pois, o homem só é livre quando se pauta por um comportamento social viável em relação à sua própria existência e continuidade na Terra.

Este é o verdadeiro papel do resgate da memória, ou seja, a formação de uma identidade, de uma consciência que, mesmo não unânime em face de toda uma sociedade – haja vista a utopia de tal construção, mas que seja, ao menos, absorvida e difundida por políticas de estado, numa perspectiva generalista.

Afinal, é pela implementação de políticas de estado que se pode construir uma cultura de tolerância. É por meio dos mecanismos de educação, de comunicação, de formação do substrato de uma identidade coletiva, de elevação da autoestima e tantos outros, que se propagam ideias e fundamentos. Seriam, assim, formas de superação dos traumas de um regime que usou não só do poder de separar ou segregar, mas de matar.

Foucault concebe o poder em suas várias dimensões, é algo que está presente em todas as esferas sociais. Em nosso trabalho, buscamos compreender como o poder se deu no âmbito do regime nazista da segunda grande guerra. Evidenciamos que o aparelho Ideológico de Estado não só foi responsável pela exclusão e extermínio de judeus, mas também por um controle rigoroso dos discursos. Este controle era feito por meio do estabelecimento de regras de conduta que avaliavam o que podia ser ou não dito através da troca de correspondências entre prisioneiros em campos de concentração.

Através do percurso histórico em relação às manifestações do poder, do regime do discurso de do interdiscurso, percebemos na análise do fragmento na carta produzida pelo sujeito soldado não a construção dos *éthe* de veracidade com a cenografia da guerra, mas processo de subjetivação de um sujeito que externa seu sofrimento e angústia. Por fim, é relevante destacar que os *ethé* encontrados

no discurso das cartas no âmbito analítico deste estudo não configuram apenas a imagem do fiador, do personagem e suas condições de produção do discurso, mas também a própria cenografia da guerra, discursivizando por meio de ditos e silenciamentos as marcas da memória coletiva, da interdiscursividade presente nos discurso dos soldado, fazendo emergir desse fiador a imagem da incerteza, do medo e do porvir das consequências, revelando-nos, portanto, traços que compõem o mosaico identitário da cena da guerra.

Como a AD se materializa por meio dos fios da história e da memória, pudemos identificar as condições de produção dos discursos produzidos, mobilizando não somente os acontecimentos de ordem sócio-histórica, mas compreendendo também a memória discursiva por meio do *ethos* e do interdiscurso. Nesse sentido, o discurso da carta se constitui um monumento propício para essa finalidade, pois é através dessa memória discursiva – dentro de um regime totalitário – que emanam cenas, valores, percepções, incertezas, dor, angústia dos mais importantes registros de guerra e que chegam até nós para alicerçar o passado e resistir, para que outras atrocidades como o Holocausto não voltem a ser repetir.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **As Origens do Totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BRANDÃO, H. H. N. **Enunciação e Gêneros Discursivos**. São Paulo: Cortez, 2008.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2. ed. Coordenação da Tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HASTINGS, M. **Inferno**: o mundo em guerra 1939-1945. Tradução de Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

MAINGUENEAU, D. A análise do discurso e suas fronteiras. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, p. 13-37, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca20/arqs/matraca20a01.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2021.

MAINGUENEAU, D. **Variações sobre o ethos**. Tradução de Marcos Marcionilo. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020.

- MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006a.
- MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da Análise do Discurso**. Tradução de Marcio Venício Barbosa & Maria Emília Amarante. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006b.
- MAINGUENEAU, D. **Gênese dos Discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola editorial, 2008a.
- MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. Org. Sírio Possenti; Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. Trad. Adail Sobral *et al.* São Paulo: Parábola editorial, 2010.
- MAINGUENEAU, D. Texto, gênero de discurso e aforização. *In*: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. (Orgs.). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012. p. 109-128.
- MARROU, H. **Sobre o Conhecimento Histórico**. Tradução de R. C. de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- MARRUS, M. R. **The Holocaust in History**. Printed in USA: American book, 1989.
- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1987.
- PROCHASSON, C. Atenção: Verdade! Arquivos privados e renovação das práticas Historiográficas. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 105-119, 2003. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2064>>. Acesso em: 18 fev. 2021.
- SCHELVIS, J. **The Holocaust, 1933-1941-1945**. [S. l.], 1921. Disponível em: <https://pure.know.nl/ws/portalfiles/portal/458152/The_Holocaust.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2020.

Autores:

Marcio de Lima Pacheco

Pós-Doutorado em Letras, Linguística e Discurso pela Universidade Estadual do Rio G. do Norte, UERN / Doutor em Filosofia/Metafísica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUCSP. Professor e tradutor: Latim, Grego e Hebraico. Trabalha com as disciplinas em Doutorado e Mestrado: Filosofia da Linguagem, Tópicos da Filosofia Moderna e Medievais.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3902-2680> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3757823723460546> E-mail: doutorpachecus@gmail.com

Plinio Pereira Filho

Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGL/UERN e membro do Grupo de Estudos do Discurso (GRED) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4398-2329>, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1837935209060926>
E-mail: professor_plinio@hotmail.com.